COSTUMES EXÓTICOS EM CULTURAS DIFERENTES

R. Aristides Ribeiro

Acabo de realizar (setembro/outubro de 1983) mais uma viagem com objetivos turísticos e culturais, desta feita pela **Travel Service Brasil**, do Rio de Janeiro, que organizou o roteiro denominado "Arte, Cultura e Beleza", tendo como operadora local a **Agência La Fuente.** A excursão, de 35 dias, saiu do Rio de Janeiro, foi integrada por 46 brasileiros oriundos de vários Estados, e cobriu regiões do Norte da África: Marrocos (Casablanca, Marrakech e Rabat); Egito (Cairo, Luxor e Karnak); Israel (Jerusalém, Tel-Aviv, Haifa, Jericó, Tiberíades, Mar da Galiléia, Belém, Nazareth, e Mar Morto); Grécia (Atenas, Pireu, Corinto e Ilhas dos Poros, Hidras e Egina); Turquia (Istambul e Mármara), também as cidades de Roma, Paris, Londres e Genebra, já visitadas anteriormente, porém incluídas no roteiro.

Há tempos pretendia conhecer, através de contato mais direto, as culturas norte-africanas e do Oriente Médio. Sinto-me, confesso, devidamente compensado pelo esforço realizado na consecussão desse desiderato.

Evidentemente, não disponho de maior espaço para melhor detalhar tudo o que observei nessas regiões caracterizadas por costumes e tradições bem diferentes dos nossos, não escusando-me, entrementes, de pôr em relevo algo que deva ser relembrado e sirva de informação a quem interessar possa.

I – NO MARROCOS

Propondo-me relatar as ocorrências de maior destaque observadas nessa excursão, inicio pelas cidades marroquinas de Casablanca, Marrakech e Rabat, onde nos deparamos (eu, minha esposa Flora Moraes Ribeiro e mais 44 brasileiros) com uma cultura absolutamente diferente da nossa.

Homens, mulheres, jovens e crianças vivem apegados a uma tradição secular concernente à religião, indumentária e costumes sociais, elementos que compõem uma paisagem humana esquisita e impressionante.

Os muçulmanos levam a religião maometana muito a sério; o que, aliás, não é para se criticar. Apenas observa-se certo exagero na prática. Basta dizer

que, os mais fanáticos, em cinco (5) ocasiões por dia (de 5 às 20 horas), abandonam suas atividades para se postar de joelhos com a face em terra, na direção de Meca, onde se encontram a Kaaba e o local, de onde o "Profeta" veio ao mundo. Encontrávamo-nos em um mercado público de Casablanca, às 15 horas, quando, do **minarete** da Mesquita próxima, partiu a "chamamento à oração", através de potentes alto-falantes.

O CULTO PÚBLICO

O brado: "Alá é Deus e Maomé é seu Profeta", no início da convocação, é pronunciado em cadência plangente, separando as sílabas das palavras, à semelhança do "aboio" meio-musicado dos nossos vaqueiros sertanejos. E continua por cerca de cinco minutos.

Ato contínuo, os muçulmanos abandonaram seus estabelecimentos comerciais e foram prosternar-se de joelhos, em área descoberta, voltados para a direção de Meca, com a fronte no chão, realizando movimentos rítmicos de abaixamento e elevação de tórax e da cabeça, contínuos e concomitantes. Naquele local, aproximadamente cem (100) homens e menor número de mulheres executavam aqueles movimentos rítmicos, indiferentes aos turistas que fotografavam a cena.

O AL-KORÃO "CORRIGE" A BÍBLIA...

Outra curiosidade, envolvendo profunda modificação na história bíblica, foi ali conhecida por nós e com surpresa, porque o Corão (Al Korão), o **livro sagrado** dos maometanos, modificou a nossa Bíblia. Assim é que o célebre **sacrifício de Abraão**, no Monte Moriah, não ia sendo praticado na pessoa de Isaac, filho de Abraão e de sua esposa legítima, Sara (Gênesis, XXII, de 1 a 19), mas na pessoa de Ismael, filho bastardo, oriundo do concubinato de Abraão com sua escrava egípcia, Agar. (O guia local, muçulmano convicto relembrou o episódio, como se o mesmo houvesse ocorrido com Ismael, de quem pretendem descender).

Desta sorte, embora a Bíblia (ibidem) assegure que tenha passado pela pessoa de Isaac, legalmente, a posteridade abraânica, com todos os direitos de primogenitura, o Korão maometano afirma que tais direitos foram transmitidos através de Ismael, que nasceu primeiro.

Assim estabelecido esse critério, não foi difícil para o "Profeta Maomé" (que se dizia descendente de Ismael em linha reta) modificar a Bíblia (que a sua época – século VII – já possuía cerca de dois mil anos de existência), a fim de substituir Issac por Ismael, no conhecido e supracitado "sacrifício" do Monte Moriah.

"ÁRVORE GENEALÓGICA" DISCUTÍVEL

Não deixa de ser surpreendente o fato de Maomé, que viveu muitos anos como comerciante em caravanas de camelos, conseguir encontrar sua árvore genealógica, de modo a fazê-lo descendente direto de Ismael, após o decurso de mais de dois mil anos... De que fontes de informação se teria servido o "Profeta" para conseguir tão decisiva certeza a respeito de tão nobre estirpe?

JELABA: VESTIMENTA NACIONAL

Com relação à indumentária, que desperta a curiosidade dos ocidentais os homens e as mulheres vestem a "jelaba". A dos homens é uma espécie de **"camisolão" frouxo** com mangas largas, confeccionado de pano grosso.

As mulheres (algumas ainda usam o "véu", que deixa aparecer apenas os olhos) vestem "jeleba" mais sofisticada, com aberturas laterais abaixo dos joelhos, para que se vejam as anáguas de renda...deve ser um "requinte" dos "figurinistas" locais...

As jelabas masculinas são quase sempre de cor azul. No Marrocos colhi a informação de que as cores preta e azul têm o poder de afugentar as cobras e os escorpiões. Daí a freqüência dessas cores na indumentária dos árabes. Apesar do calor intenso, dizem que o **"camisolão frouxo"** deixa, entre o tecido e o corpo, um "colchão-de-ar" que ameniza a canícula.

Uma outra ocorrência interessante: nas três cidades marroquinas visitadas não vimos uma única pessoa usando óculos... Não me lembrei de indagar sobre tal abstenção!

OS "CAMELÔS" IMPERTINENTES

Em todo o Marrocos, e notadamente em Marrakech, o turista sofre um contínuo assédio dos vendedores de artesanato e "bugigangas" Ai, daquele que indagar o preço de algo ou comprar alguma coisa. Ver-se-á logo perseguido por uma "chusma" de camelôs impertinentes.

SUNTUOSIDADE OFICIAL E POBREZA POPULAR

As cidades são bem cuidadas, limpas, especialmente Rabat, a Capital, dotadas de palácios, prédios e monumentos dignos de registro, mas nota-se que o povo é pobre e vive com dificuldade.

Nos hotéis de Marrocos não existem aparelhos de TV. Aliás, não os vi em parte alguma desse país. E tem-se a desagradável impressão de que o povo

não tem acesso às facilidades de informação e de comunicação.

Observei que, mesmo nos centros comerciais, por onde transitamos, não ouvimos ruídos de qualquer transmissão radiofônica.

Tudo nos leva a crer que o povo marroquino vive um tanto à margem dos acontecimentos internacionais e essa condição os mantém bastante ligados ao passado e sem grandes "horizontes" para divagações... E não é difícil concluir que esse estado de coisas interessa particularmente aos dirigentes...

COSTUMES TRADICIONAIS

Afirma-se que, atualmente, embora o Korão continue a permitir a poligamia (o casamento até com quatro mulheres), poucos árabes podem manter esse "padrão"... O rei Hassan II, por exemplo, encontrava-se de tal maneira "ocidentalizado" que, até o momento, uniu-se apenas a uma mulher, pelo menos oficialmente. Entretanto, mantém a tradição antiga do **culto aos antepassados,** pois fez construir belíssima Mesquita, para túmulo de seu pai, Mohamed V, monumento muito mais suntuoso do que os "Inválidos" de Paris, onde os franceses homenageiam os seus heróis e homens públicos de maior destaque. Naquela Mesquita-monumento (com cúpula revestida de ouro e muito mármore de Carrara) permanece, diariamente, de 8 às 17 horas do dia, um "imã" (sacerdote maometano) revestido ritualisticamente, em permanente oração, diante do túmulo do monarca falecido. Mediante tais providências, Hassan II se prepara para também receber a futura "consagração de seu povo"...

OS EXEMPLOS ESTÃO BEM PATENTES...

No concernente ao **culto dos antepassados por seus descendentes**, fala bem alto a tradição que recorda os nomes de Califas (chefes religiosos) e de Sultões (chefes civis), de que são expressivos testemunhos as Mesquitas de Malai-Jussef (em Casablanca), de Keutopia (em Marrakech), além do citado Monumento de Mohamed V, e de tantos outros que tivemos a oportunidade de ver de perto. Aliás, esse tipo de **"mordomia" post mortem** tornou-se comum verificar-se em todo trajeto referente à cultura muçulmana, nos domínios do Egito, da Turquia e mesmo em Israel, como teremos oportunidade de nos reportar.

II – NO EGITO

De Atenas (após excursionarmos pelas ilhas Egina, Poros e Hidra, além dos "clássicos" locais de atração), dirigimo-nos ao Cairo, também com os costumeiros passeios no rio Nilo, visitas aos principais centros turísticos, às Pirâmides, a Luxor e Karnak.

Como meu objetivo primordial nessas crônicas não é descrever paisagens, já tantas vezes detalhadas por outros viajantes, mas destacar o que observei de mais estranho, ou em evidente conotação destoante de nossa cultura, inicio por levantar dúvida sobre a **libra egípcia**...

O VALOR DA MOEDA

Não entendo a razão por que a **libra egípcia** pretende ser mais valorizada do que o dólar americano. Na cotação oficial, a moeda americana é fixada à base de 0,88 (oitenta e oito centavos) da libra egípcia, muito embora o comércio as receba pelo mesmo valor (câmbio ao par).

Mesmo cotados sob igual valor cambial, onde, como e de que maneira, a potencialidade econômica e financeira do Egito (nação até com menos recursos do que o Brasil) poderia equiparar-se, monetariamente, aos Estados Unidos?

Ora, se os "experts em finança internacional contestam (ou lançam dúvidas) a propósito da equiparação cambial entre o **rublo** e o **dólar** mesmo sendo a Rússia uma superpotência semelhante aos EEUU, que juízo deverão fazer a respeito dessa supervalorização da moeda egípcia?

A FESTA DO "RAMADAM"

Chegamos ao Cairo no encerramento do "Ramadam", a famosa Festa Nacional do "Sacrifício". Em outras regiões do Islã, o "Ramadam" se realiza no mês de junho e tem por base o calendário lunar, que difere do solar.

"O "Sacrifício" comemorado nesta festa muçulmana, é, nada mais nada menos, do que a comemoração do episódio que envolve o 'sacrifício de Ismael" por Abraão, porquanto (como salientei na crônica sobre o Marrocos) Al-Korão (a "bíblia" muçulmana) põe Ismael no lugar de Isaac, adulterando o texto original do Gênesis, (XXI, 12). Pelo visto, para Maomé e seus asseclas era muito mais interessante que o Patriarca chegasse até eles por intermédio do filho da escrava, Agar. E nada mais fácil do que **"mudar" o texto bíblico**...

Mas, o "Ramadam" consiste no jejum durante um mês, período em que os muçulmanos permanecem, do nascer ao pôr do sol, sem ingerir qualquer alimento – nem água(?). Trata-se, entretanto, de um "jejum" muitíssimo **curioso**, porque, do pôr do sol até a aurora do dia seguinte, durante toda a noite, eles comem e bebem à vontade (certamente acumulando energias para o dia seguinte de abstenção). E muitos ainda dançam e se entregam aos folguedos noturnos, denominados de "bairam", muitos deles até prescritos pelo próprio "rito" religioso...

O "Sacrifício" somente funciona à luz do sol, o que é bastante curioso... Será que o Profeta Maomé não vê nada à noite ou só se interessa por aquilo que seus "crentes" façam durante o dia?

NECRÓPOLES, TAMBÉM PARA OS VIVOS...

Em todas as partes do mundo (ou em quase todas) as necrópoles são cidades reservadas aos mortos. No Cairo, no entanto, não é assim... Para nós ocidentais, soa como coisa estapafúrdia a informação, transmitida pelo guia local (Ahmed Nasser), de que cerca de 250.000 pessoas **residem em cemitérios** e muitos deles pagam aluguel à família do morto.

O ônibus de nossa excursão citadina transitou em frente de um desses **cemitérios também para vivos**, a fim de que víssemos de perto as casinhas, (baixas, acanhadas), ocupadas por pessoas pobres, que se sujeitam a pagar módico aluguel, ao mesmo tempo que cuidam da conservação (canteiro de flores, limpeza, etc.) dos túmulos...

Só esse fato nos dá a média de como vive aquela gente e das dificuldades que enfrenta.

UM BAZAR "DAS ARÁBIAS"

É costume, nessas excursões coletivas, a visita programada a casas especializadas na venda de "souvenirs". Os "guias" locais são maliciosamente acusados de "demonstrar certo interesse" por esses locais... embora a "coisa" não seja tão evidente...

FABRICAM-SE "FOLHAS-DE-PAPIRO"

No Cairo visitamos um bazar-"fora-de-série", porque vende **nplesmente tudo** o que se possa imaginar. Ali adquirimos telas do genuíno **piro egípcio**, uma raridade para os lados de cá...

(O "bazar" integra a organização denominada **Egipitian Papyrus ıter"**, com sede na 50, Sphinx Strit-Nazlet El Samman – Giza).

Recordo aos leitores que o **papiro**, planta nativa do Egito, é ainda hoje cultivado às margens do rio Nilo. À semelhança de um "cróton" de folhas estreitas e longas, suas delgadas hastes são formadas de folhas sobrepostas, que os antigos separavam uma das outras, servindo-se delas para escrever, depois de convenientemente preparadas. Ainda hoje os egípcios mantêm aquela tradição. E nós assistimos à fabricação do "**papel-de-papiro**", evidentemente, à século XX. O processo moderno consiste em cortar, longitudinalmente, às delgadas hastes, prensá-las, para extrair líquido gomoso (de coloração leitosa) que serve de "cola", resistente, para a superposição transversal das hastes esmagadas, fundamental para a textura das **folhas-do-papiro**... (Eu trouxe duas telas de papiro e uma haste dessecada como recordação daquela visita...)

OUTRO SOUVENIR BEM CARACTERÍSTICO

Nesse mesmo bazar- "fora-de-série", várias madames excursionistas, inclusive Flora (e alguns cavalheiros também), mandaram confeccionar, em ouro de dezoito quilates, "pingentes" para o pescoço, com os respectivos prenomes gravados (alto relevo) em caracteres do "**hieróglifo**" **antigo**. Cada adquirente recebeu o seu **alfabeto hieroglífico** (para conferir – acompanhada da etiqueta característica, que aponta o endereço: "defronte à Embaixada Americana, no Oziris Building – Garden City – Cairo). Trata-se, portanto, do mais sofisticado e típico **souvenir**, exibido e comentado dentre tantos outros. **O pingente**, como o nome "Flora" fez bastante sucesso entre nossos familiares.

TUTANKHAMON, O FARAÓ MAIS "BADALADO"

Não pretendo entrar em detalhes a respeito do show "**Luz e Som**" das Pirâmides, nem do famosíssimo Museu do Cairo, seus Bazares, Mesquitas, além de outras atrações turísticas, porque todas elas já foram descritas e apreciadas tantas e tantas vezes...

No entanto, quero destacar algumas curiosidades sobre esse **faraó**, cujo nome significa: "**A imagem viva de Amon**" (o deus sol), muito embora alguns egiptólogos afirmem que ele seria o **único faraó monoteísta**. Não vejo meios para conciliar seu "monoteísmo" com essa "imagem viva do deus sol", a não

ser que ele a aceitasse apenas para efeito externo, e conservasse, no foro íntimo, a crença em um só Deus...

Havendo governado o Egito apenas durante seis (6) anos, pois subiu ao trono com 12 anos e faleceu aos 18, somente se tornou célebre porque foi o único que não teve seu túmulo violado por ladrões. Todas as câmaras mortuárias dos faraós foram encontradas violadas e saqueadas, e delas retirados os tesouros. Desta sorte, descoberto o túmulo de Tutankhamon (em 1922, pelo Lord Carnarvon), o **achado** causou espécie, porque localizado por baixo de outras câmaras mortuárias e já saqueadas, no entanto, escapou perfeitamente ileso. Graças portanto, à "clandestinidade" de seu túmulo, este jovem monarca egípcio passou à história, sem nenhum feito notável, além da formidável riqueza de seus pertences, todos do maior valor arqueológico: mobiliário pessoal, tais como leitos, cofres, vasos de alabastro, vestuários valiosíssimos: a célebre **máscara,** os braceletes, pulseiras, colares, estolas e cintos **de ouro maciço.** Toda essa riqueza permanece ali sob vigilância, inclusive através de discreto circuito de TV interno.

E O "MISTÉRIO" DA CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES? ...

Não me deterei – por ser assunto corriqueiro em todas as informações sobre o Egito – em comentários sobre as Pirâmides (cerca de 40 e não apenas 3), nem sobfre a Esfinge (monumento em forma de leão com a cabeça humana, medindo 50 metros de comprimento e 10 de altura, com as feições do faraó Kephren, simbolizando a força e a inteligência) e nem sobre Ramsés II, que viveu 90 anos, após governar 65, possuía apenas 40 mulheres (das quais a favorita era a famosa Nefertiti) e deixou 118 filhos e se notabilizou por suas realizações.

Apraz-me, registrar, entrementes, a abalizada opinião de egitólogo, que nos serviu de guia no Cairo, em Luxor e Karnak.

Interpelado sobre o **"mistério" da construção das Pirâmides,** ele afastou logo de saída, a tão divulgada teoria dos "deuses astronautas", bem como a que atribui, aleatoriamente, à intervenção de seres extraterrenos. O estudo científico realizado nas rochas das pirâmides indica que são originárias, tanto de montanhas próximas do Cairo (e elas existem à vista de todos), como das de Assuan, mais distantes. Transportadas em grandes balsas, pelo rio Nilo e elevadas, através de planos inclinados em gigantescos montes de areias, eram empilhadas na edificação daqueles fantásticos monumentos.

Outrossim: as pirâmides não foram necessariamente, oriundas do trabalho escravo. Os cidadãos egípcios, que viam no faraó a encarnação do deus Amon (o Sol), colaboravam espontaneamente para a construção das tumbas onde – acreditavam– eles aguardariam a "reencarnação" no mesmo corpo adredemente conservado...

NO VALE DOS REIS

Bem afastado do Cairo, foram desenterrados e reconstruídos diversos templos funerários, onde foram sepultados inúmeros faraós e nobres das 26 dinastias dos chamados Antigo, Médio e Novo Impérios.

As paredes e colunas desses **templos funerários** estão recobertos de inscrições em hieroglifos, ao pé das quais o guia local "esnobou" em seu "show" de sapiência, ao demonstrar vastos conhecimentos especializados sobre a vida dos principais faraós.

UMA RAINHA "SAPATÃO"?

Dentre aqueles que perpetuaram seus nomes no Vale dos Reis, sobressai a figura do faraó, que passou à História com o nome de Amenófis II. Apenas com a relevante "curiosidade" de que: **não era ele, era ela** (a quem o nosso companheiro de excursão, Herval Basílio, com certa malícia, logo qualificou de "sapatão")

Desta sorte, Amenofis (ou Amenotof) II, da XVIIIa. dinastia, era a rainha Hatshepsunt (a pronúncia sairia mais fácil através de "espirro"...) que usurpou o trono de seu irmão, a quem fez prisioneiro durante todo o seu reinado. Adotando vestimenta masculina, chegou ao "requinte" de usar **cavanhaque postiço**, que, entre os egípcios, era um dos **símbolos do poder real.**

Depois da morte da irmã, Amenofis III subiu ao trono. Como vingança, procurou destruir toda a lembrança do que realizara Hatshepsunt, conseguindo fazê-lo em grande parte.

PASSEIO NO RIO NILO

A empresa turística nos proporcionou um passeio no rio Nilo em barco tangido a vela. A turma lotou dois, cada um, com capacidade máxima de trinta pessoas. E lá nos fomos, de velas enfunadas, conduzidos pelo vento da tarde.

E foi bastante interessante observar com que agilidade os dois barqueiros manobravam o "galeão-mirim", apesar da "jelaba" (o tal

"camisolão") que, a todo momento, lhes tolhia ou dificultava os movimentos.

Quem opera em uma embarcação, onde a **vela** e o **remo** são fundamentais para as "manobras náuticas" e, a todo instante, se sente "amarrado", procurando desvencilhar-se de um "camisolão grosso", enfrenta uma "parada", somente transponível para quem está acostumado... Enquanto observava aquela "luta" com o vento e a "jelaba", eu imaginava as "aperturas" que deveria sofrer um dos nossos jangadeiros (eles que apenas usam um sumário calçãozinho...) se, por um instante, se sentissem, "encadernados" em uma "jelaba" muçulmana...

Afinal, não é apenas uma figura de retórica o adágio popular de que: "cada terra tem seu uso, da mesma forma como cada roca tem seu fuso"...

III–EM ISRAEL

Enfim, chegamos a Israel, que fixa a meta principal (para mim e minha esposa) dessa viagem, com objetivos turísticos e culturais.

A CIDADE TRÊS VEZES SANTA...

Em Jerusalém, Jesus Cristo pregou sua Doutrina de Salvação Eterna e "sofreu morte de Cruz", razão por que ali estão os Lugares Santos para os cristãos.

A "IR HA'KODESH" é a cidade Santa de Israel, centro da região prometida aos descendentes de Abrão (a terra do leite e do mel), onde o povo hebreu estabeleceu sua civilização, cerca de dois milênios antes da vinda de N. S. Jesus Cristo.

Em Jerusalém, está o local onde (dizem os islamitas) o "Profeta" Maomé subiu aos Céus, razão por que a cidade passou a ser a terceira "cidade santa" (El Kuds), depois de Meca e de Medina.

Não deixam de representar interesse especial as diversas razões que justificam o excepcional destaque atribuído à capital de Israel.

A JERUSALÉM DOS MUÇULMANOS

Para os seguidores da religião maometana, o local de maior interesse está na mesquita de Omar, edificada no Monte Moriah, onde é especialmente venerada a famosa "**pedra–sagrada**".

Sobre aquele rochedo, de aspecto granitico e que se encontra no meio da Mesquita (segundo a crença Islamita) se teriam verificado dois "acontecimentos extraordinários": 1) o quase–"sacrificio" de Ismael por Abraão, sustado a tempo pelo Anjo, no momento em que o Patriarca ia desferir o golpe fatal; 2) e a "ascenção" de Maomé aos Céus.

"ADAPTAÇÕES" HISTÓRICAS POR CONTA E RISCO DO KORÃO

Reflitamos um pouco sobre as modificações históricas perpetradas pela "bíblia" muçulmana.

Informa a nossa Sagrada Escritura que o "sacrifício" estava sendo preparado por Abraão e teria de ser realizado na pessoa de seu filho legítimo, Isaac. (É o que se lé no Gênesis, cap. XXII, ves. 1–19). No entanto, decorridos cerca de dois mil anos após, no século VII depois de Cristo, eis que apareceu o "Profeta" Maomé e "corrigiu" a Bíblia, ao colocar Ismael (filho bastardo de Abraão com sua escrava, Agar) no lugar de Isaac. Daí, a grande festa do Ramadam, à qual já me referi, na crônica sobre Marrocos.

A segunda "adaptação" maometana se refere a "ascenção" de Maomé aos céus.

Escolheram o mesmo local, a **"pedra–sagrada"** do sacrifício, para, de sobre a mesma, "remeterem" o "Profeta" rumo aos Céus, à semelhança do que havia acontecido com Jesus Cristo...

OUTRA ASCENÇÃO TAMBÉM PARA O "PROFETA"...

Ora, se há, em Jerusalém, o local onde a tradição histórica cristã e católica assegura ter havido a Ascenção do Senhor (e nós visitamos a Capela de Ascenção), teria que haver também um local para a "ascenção" de Maomé. E nada mais fácil, para quem escreveu Al Korão (sete séculos depois dos acontecimentos narrados pelos Evangelistas), do que conseguir, em Jerusalém, um "local' para a ascenção do "Profeta"... E nenhum outro mais apropriado do que a "pedra sagrada do sacrificio" de Abraão... (Pois, pois?)

NO "MURO DAS LAMENTAÇÕES"

Afirma a tradição judaica que o "Muro das Lamentações" é o que resta do antigo Templo de Salomão, construído 1800 antes de Cristo, conforme identificação, comprovada por arqueólogos franceses e canadenses. Trata-se de uma parede de alvenaria, bastante extensa e elevada, construída de tijolos sem reboco, onde os judeus vão fazer suas preces.

Do meio da multidão, que **beija aquele muro tosco** e ante o qual se inclina e se ajoelha, reverente, procede um ruído surdo, em forma de lamento (meio "chorado" e meio "Cantado") bem característico e impressionante pela espontaneidade e sinceridade com que é realizada a manifestação pública. Vimos homens emocionados, com lágrimas nos olhos, tomando parte naquele ritual bastante estranho para os observadores dos lados de cá.

OPORTUNIDADE PARA "LAMENTAR"

Ante aquela manifestação religiosa, semelhante a outra antes observada entre os maometanos, prostrados, com a face no chão, em direção a Meca, vi-me levado pelas circunstâncias, a estabelecer um paralelo entre aquelas atitudes de profundo respeito dos judeus e muçulmanos para com aquilo **em que acreditam** e a postura displicente, aleatória e indiferente da grande maioria dos chamados católicos, diante do que possímos de mais sagrado, que é a SS. Eucaristia...

Convém detalhar, a fim de que a acusação supra não pareça injusta.

Outrora, a Presença Real Eucarística era encarada com a maior seriedade. Todos se postavam genuflexos, à passagem do S.S. Sacramento.

Durante a celebração das Missas, permanecia-se de joelhos, desde o "Santos" até a "Comunhão". Hoje, porém, poucas pessoas se ajoelham até mesmo no momento da "Consagração"... (Até mesmo a **genuflexão** diante do "Sacrário", que é o mais rápido gesto de adoração ao S.S. Sacramento, poucas pessoas o fazem. É possível que tenha sido transformada em "cafonice" pelos avançados integrantes de "igreja-pós–conciliar"...)

TRAÇANDO UM PARALELO...

Quanta diferença – cumpre acentuar mais uma vez – entre a atitude displicente e indiferente, demonstrada de público, para com a S. S. Eucaristia, por pessoas que dizem acreditar na Presença Real, e aquele outro posicionamento, de profunda compenetração, de compunção, de sériedade de propósitos, testemunhado por um judeu ou por um muçulmano no relacionamento com sua fé.

APROFUNDANDO A "BRONCA"...

Ora, se um maometano se prosterna tão humildemente, com a face no rés do chão, só porque se volta em direção a Meca, a sua cidade santa, e onde nada existe além da memória do "Profeta", calcula-se o que faria, como ele se

comportaria, se tivesse a certeza de que se encontra diante da Presença Real do Deus Vivo?

Desço a esses detalhes porque um muçulmano já me lançou em rosto esta dura realidade: ele simplesmente não podia compreender que um católico confessasse a sua fé, e no entanto, vivesse praticamente como se não acreditasse em nada!... Claro que há exagero na apreciação; entretanto, que haja motivos para esse tipo de conclusão, "quanto a isto não resta a menor dúvida"...

ASSUMINDO COMPROMISSO

Fico a dever aos leitores exposição mais detalhada sobre a visita realizada aos Lugares Santos de Israel, tanto no que diz respeito a Jerusalém, como às demais regiões da Galiléa, Samaria, Judéia e Transjordânia que serviram de cenário à Vida Pública de Jesus Cristo, quando terei o ensejo de me reportar à **"Terra Santa dos Cristãos"**.

IV – NA TURQUIA
UM "CHIFRE DE OURO" PARA A CIDADE...

Istambul (ex-Constantinopla e ex-Bisâncio) continua sendo a "Capital Nacional" da Turquia, muito embora sua capital administrativa seja Ancara (ex-Angorá).

Debruçada sobre a baía "Corno de Ouro", a cidade, de população superior a dois milhões de habitantes, não se molesta e nem "dá cavacos" só porque sua topografia lhe presenteou com aquela reentrância do mar de Mármara, à semelhança de um **"chifre" meio recurvo**. Mesmo sendo um "Corno de Ouro" (porque, nos ocasos, o sol reflete seus raios dourados e fulgurantes) assim mesmo a denominação certamente se tornaria "cabulosa" e inaceitável para os lados destes brasis. Acontece que para os lados de lá, vale tudo, mesmo porque, no leste da África, a região onde onde se localiza a Somália, é formada pelo famoso **"chifre da África"**, para onde lançam olhares cúpidos os xeques do petróleo do vizinho Aden.

Mas, passemos a apontar o que ali se observa de mais excêntrico para o "sabor" ocidental.

A LÍNGUA TURCA EMPREGA UM "S" COM CEDILHA

A língua oficial é o **turco osmanli** da família uralo–altaica do grupo tártaro. Outrora era escrito em caracteres árabes, mas atualmente emprega o alfabeto latino, apresentando características proprias, pois entre outras peculiaridades, emprega (e, às vezes, na mesma palavra...) duas espécies de

"S" (um "S", **com cedilha**; e outro, **sem cedilha**) com a pronúncia um tanto diferente.

(Obs: A fim de que esta informação não suscite dúvidas, conduzi comigo (e tenho em mãos) o "menu" do **frigo–bar**, apanhado no apartamento por mim ocupado no "Mármara Hotel" de Istambul, com os preços em TL (liras turcas), do "breakfast", das demais refeições e serviços postos à disposição dos hóspedes, onde se lêem palavras grafadas com **S–cedilhado**, tais como: "**Cesitler** (S com cedilha), que significa: "sortimento" ou "variedade"; ou "isaretleyin" (S também cedilhado) expressão que diz: "marque a hora").

A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL

A adoção do alfabeto latino teria sido mais uma dentre as profundas modificações impostas por Mustafat Kemal, que, após a derrota turca na primeira Grande Guerra, suprimiu o califado, proclamou a república e "ocidentalizou" o país, ao realizar a maior revolução sócio–cultural do país. Em 1934, Artaturk (é o patronímico adotado por Mustafat) mudou a capital de Istambul para Angorá, hoje denominada de Ankara, estrategicamente menos vulnerável, com relação à sua defesa.

O "SERRALHO" DE TOPKAPI

Majestosamente edificado em um penhasco, de onde se descortinam o Mar Negro (ao longe), o estreito do Bósforo e a baía "Corno de Ouro", o palácio de Topkapi é de uma suntuosidade e de uma riqueza verdadeiramente estonteante.

Não tenho lembrança de ter visto coisa semelhante em qualquer das capitais européias. Nem as jóias da Coroa belga (na Catedral de São Miguel, Bruxelas); nem as da Coroa sueca (no "Castelo de Drottningholm) em Estocolmo; nem as jóias do faraó Tutankhamon (no museu do Cairo), podem ser comparadas com a fantasmagórica coleção existente no "serralho" dos sultão Amed I.

ALGO QUE MERECE DESTAQUE

Somente para dar uma idéia dessa coleção "fora de série", aponto algumas peças de maior destaque, sem falar nos móveis, tapetes, cortinas, alfaias e decorações: 1) Dois castiçais, com cerca de um metro e sessenta centimetros (1,60) de altura, pesando cada um quarenta e oito (48) quilos de

ouro maciço, ambos (cada castiçal) marchetados com seis mil, seiscentos e sessenta e seis (6.666) brilhantes; 2) Uma enorme esmeralda, pesando três quilos e seiscentos (3.600) gramas; 3) Um diamante (lapidado) com oitenta e seis (86) quilates, colocado em estojo de veludo-negro, submetido, por mecanismo automático, a uma ligeira oscilação, a fim de mostrar as inúmeras variações no jogo de luz refletida; 4) Um **berço-de-ouro maciço** (com suporte e balanço) que serviu ao sultão Ahmed I;5) Um elefante de ouro, com quinze (15) quilos; 6) Dois tronos reais grandes, decorados com guarnições de ouro e totalmente recobertos de pedras preciosas – rubis, esmeraldas, safiras, pérolas,tosões, em número incalculável; 7) Uma coleção de doze mil peças de finíssima porcelana chinesa decorada, também de valor inestimável. É impossível detalhar o que se admira nesse museu.

Fica-se duvidando de que um sultão houvesse concentrado tanta riqueza, em local tão sofisticado, visando somente o próprio deleite pessoal e o das cortezãs de seu "serralho"...

Calcule-se as medidas de proteção tomadas pelos responsáveis com vistas à segurança daquele fantástico tesouro que (vamos dizer assim) excedeu (melhor diria, "estourou") à expectativa de todos os visitantes, como autêntica e palpável realidade daquelas supostas fantasias das "histórias de mil e uma noites".

ALGUÉM "VIU" UM TAPETE VOADOR...

Aquela visão deslumbrante foi de forma tão marcante, que um dos nossos companheiros, ao deixar o TOPKAPI, afirmou em **tom de "blague"** – que lhe pareceu ter visto o "Simbá" passando em seu "tapete voador"... E o que chamou a atenção de diversos excursionistas é o fato de tanta tiqueza acumulada não haver despertado a cobiça de nenhum "Ali-Babá e seus 40 ladrões". Só se domina mesmo por lá o "receio de ficar sem a mão direita". (Sabe-se lá, qual o motivo? Ou qual o número de mãos já decepadas! (?)...

AS FAMOSAS MESQUITAS DA CIDADE

São visitas indispensáveis (mesmo porque estão incluídas no roteiro de todas as excursões) a Mesquita Azul, do Sultão Ahmed, a Igreja de "Aghia Sophia" e a Mesquita de Suleiman, o Magnífico.

Em todas essas Mesquitas só se penetra com os pés descalços (os sapatos ficam na entrada do edifício, em "prateleiras", destinadas a esse fim), para não danificar os tapetes-persas, onde estão demarcados os locais nos quais os "crentes" devem postar-se. Há os locais **exatos** para os pés ou joelhos e para a **fronte encostar no chão**.

Essa exigência, para descalçar os sapatos, vigora em quase todas as Mesquitas do Marrocos, Egito, Israel e Turquia.

Das Mesquitas acima referidas, a mais conhecida é a de "Aghia Sophia", antiga Basílica de Santa Sofia, transformada em Mesquita pelos turcos e, atualmente, apenas um Museu Nacional. O interesse é que os turcos conservam o nome tradicional de "Sofia", não em homenagem à antiga "Santa" da Igreja Católica, mas atribuindo-lhe o significado ou a acepção de "felicidade"....

A Mesquita Azul e a de Suleiman, o Magnífico, são soberbas construções, notadamente, a de Suleiman, a única, entre os muçulmanos, a possuir seis (6) "minaretes", característica de grande significado para os crentes de Mafoma.

OS BAZARES DE ISTAMBUL

Nunca vi tamanha **concentração de ouro** por quilômetro quadrado...

Deve haver "condensação" do metal nobre nos subterrâneos no Forte-Knox, ou onde os Estados Unidos guardam as suas **reservas** para respaldo do dólar. Mas esse ouro ninguém vê, a não ser os funcionários do Tesouro de Tio Sam, razão por que continua válida a afirmação supra...

Visitamos, em Istambul, uma rua muito extensa, cujas casas comerciais, ostentando vitrinas feericamente iluminadas, vendem exclusivamente **ouro trabalhado** com as mais extraordinárias e imagináveis variedades de objetos... O ouro se espalha, não apenas de um lado e do outro da rua imensa, mas nas ruas transversais também.

E a informação que obtivemos acrescenta que aquela área não era a única que centralizava aquele tipo de comércio.

Não encontrei explicação para a presença de tanto ouro na Turquia, porquanto suas minas há muito tempo estão esgotadas e esse não é um "produto" que se renove...

CONCLUSÃO DESSA PRIMEIRA ETAPA

Aqui encerro a disceptação do que observei de mais característico nessas regiões visitadas.

Istambul é cidade simpática, acolhedora, a mais cosmopolita do Oriente Médio e onde menos se observa a influência do islamismo na população citadina. Ali não ouvimos, durante os três dias, nenhuma "convocação" dos **minaretes** para a oração pública. São menos freqüentes os "turbantes" e as "jelabas" maometanas, certamente como resultado da "ocidentalização" imposta por Mustafá Kemal.

Do modo geral, a excursão foi bastante válida, e o será sempre, para quem se interessa pela historiografia, pela "sociologia" e pelos "modus vivendi" de populações de costumes e tradições tão difererentes de nossos parâmetros civilizacionais.